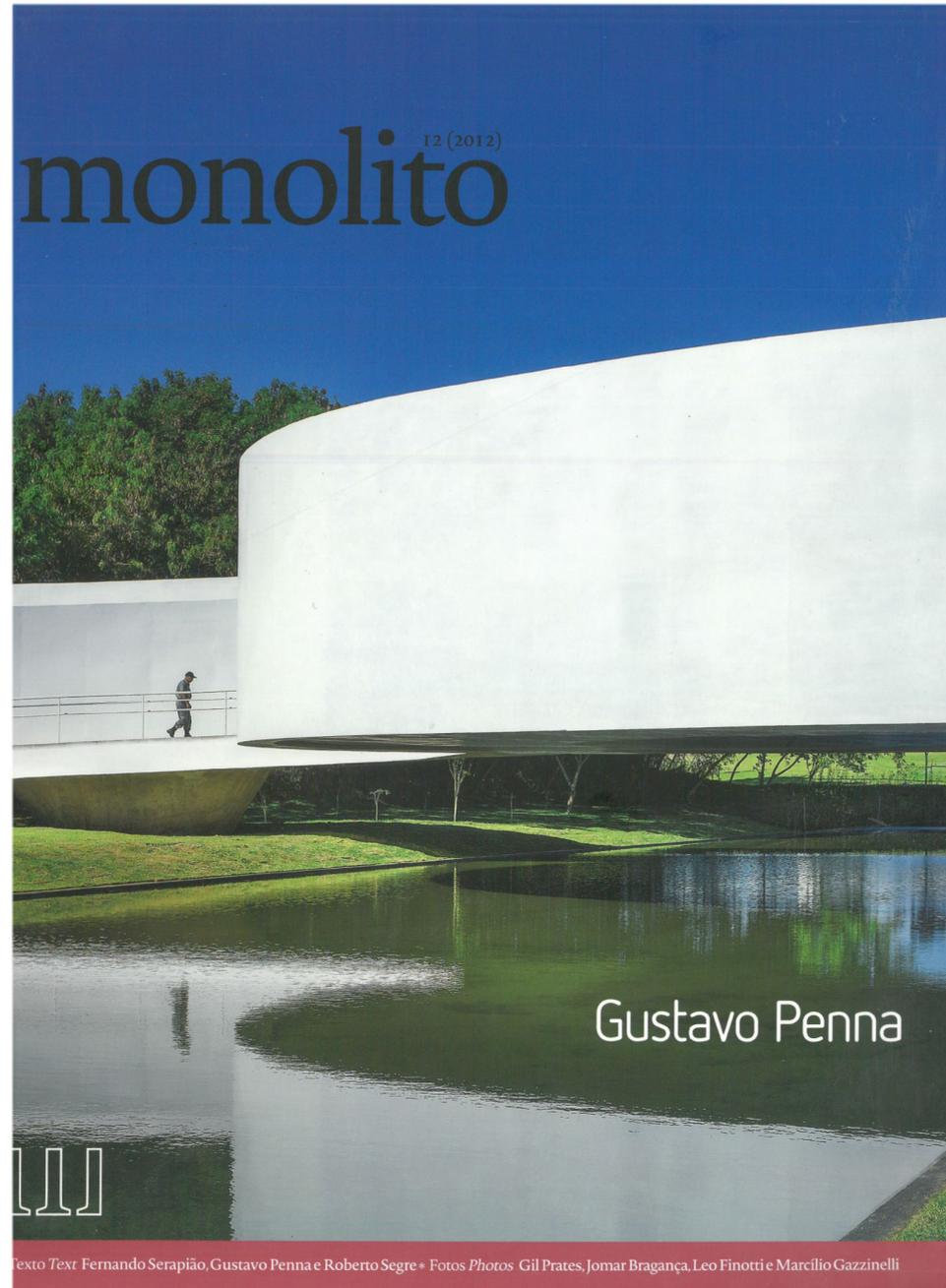




monolito

12 (2012)



Gustavo Penna



Texto Text Fernando Serapião, Gustavo Penna e Roberto Segre • Fotos Photos Gil Prates, Jomar Bragança, Leo Finotti e Marçilio Gazzinelli

MONOLITO - 2012

PERFIL



Ana Ottoni

perfil

Avis rara

Um dos principais arquitetos brasileiros de seu tempo, Gustavo Penna é autor de uma obra ímpar que usa as pedras do caminho para edificar poesia. Tal como a boa cozinha mineira, a obra dele é cozida em fogo baixo. Mas o segredo de sua receita é usar ingredientes que povoam seu imaginário, composto, entre outras coisas, pelo ensinamento topográfico do pai ausente e pela convivência com Humberto Serpa e Amílcar de Castro. Também fazem parte de suas especiarias a sensibilidade ambiental e algumas pitadas do pós-modernismo, de Louis Kahn à Álvaro Siza. Para terminar o preparo, Penna acrescenta paciência e doses de sensibilidade. Suas receitas são preparadas em seu movimentado (e organizado) escritório em Belo Horizonte, uma casa centenária amparada por fantasmas da família. Se ele esquenta a barriga no fogão à lenha, quem corta os temperos em sua retaguarda são fiéis colaboradores, que cuidam dos afazeres burocráticos livrando-o para preparar sua especialidade: edifícios carregados de símbolos, como a Escola Guignard e o Expominas.

> Fernando Serapião

“Onde ele está? Você está vendo? É um sabiá!”, disse Gustavo Penna cortando abruptamente a conversa. Curvando com agilidade seu corpanzil na cadeira em direção ao som, ele começou a se comunicar com a ave, imitando seu canto. O arquiteto parecia hipnotizado como se nenhum acontecimento pudesse lhe distrair. Quando o passarinho respondeu ao seu piar, Penna apontou o indicador na direção do bambuzal do terreno vizinho. Movimentou o dedo para cima e para baixo, arregalou os olhos, levantou a sobrancelha e, sem falar uma palavra, disse com os gestos algo como “você ouviu que ele respondeu?”. Com pequenas alterações no roteiro, ele repetiu o diálogo com o bicudo até reto-

mar a conversa do ponto interrompido, como se nada tivesse ocorrido.

Faltava pouco para o almoço da última sexta-feira de Finados e Penna estava sentado na mesa redonda da varanda da casa de campo que mantém desde o início dos anos 1980 em Lagoa Santa, cidade a 42 quilômetros de Belo Horizonte. Com mais de 50 metros quadrados, a varanda tem piso de pedra mineira e pé-direito variado, que acompanha a cobertura inclinada da sala de estar. Além da mesa de refeições, o espaço contempla também um ambiente de estar definido por poltronas de vime. A varanda é o centro da casa, lugar do encontro, onde pulsa a vida familiar, de manhã até a noite.





Instantâneo de um dos dez dias de construção do Catetinho – repare no pintor trabalhando ao fundo. Em primeiro plano, Roberto Penna aponta algo, enquanto Oscar Niemeyer observa da escada

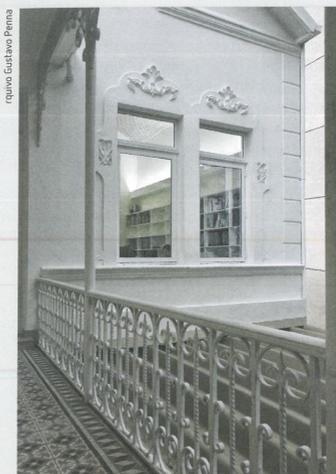
Snapshot of one of the ten days of construction of Catetinho – notice the painter working in the background. In the foreground, Roberto Penna pointing to something, while Oscar Niemeyer observes from the staircase

Ela não existia quando a casa ficou pronta. A varanda foi construída há cerca de cinco anos encima de um gramado. De certa forma, as modificações da casa em frente a lagoa materializam, não só conquistas patrimonial, mas, sobretudo, mudanças no pensamento do arquiteto nos últimos 30 anos. “Trabalhando muito consegui, aos poucos, apoiar em terra firme minhas fantasias e os conteúdos do inconsciente”. A frase escrita por Jung para definir a construção da torre que criou com as próprias mãos em frente ao lago Zurique (e que serve de metáfora para o autoconhecimento), bem que poderia ser atribuída ao arquiteto mineiro. “Os caixilhos eram quadriculados, com vidrinhos pequenos. Eram muito vagabundos. Na época, foi o que conseguimos pagar”, justificou Penna empurrando com um dedo um dos atuais caixilhos. Sofisticados, eles possuem perfil desenvolvido pelo projetista para um conjunto de prédios de apartamentos. Quando a varanda foi ampliada, cresceu junto o pórtico da fachada, que fica entre a sala de estar e a piscina. O ritmo da colonata na porção antiga era curto, com pequenos vãos definidos por larguras menores do que a altura; na parte nova, o vão é grande, único. O elemento evidencia a transformação da cabeça do projetista: se o velho ritmo acompanhava a largura das portas, na parte nova ele possui a largura da nova varanda. Durante o feriado,

referindo-se ao antigo trecho do pórtico, Penna repetiu com palavras diferentes a mesma ideia: “Não sei por que eu fiz assim, com vãos pequenos. Se a estrutura da cobertura, que é de madeira, vence o vão sem nenhum apoio central, por que fazer vãozinho com concreto?”.

Gustavo Penna nasceu na metade do século passado em Belo Horizonte. “O pai apresenta o mundo e a mãe, o afeto”, pontifica. “Meu pai era uma pessoa interessantíssima, fascinante”. Engenheiro civil formado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Roberto Penna construiu a barragem de Salto Grande, na divisa entre São Paulo e Paraná, e o Grande Hotel de Araxá. Enriqueceu rapidamente e a família morava em um confortável sobrado em estilo missões na rua Antônio de Albuquerque, no bairro da Savassi. A babá andava quatro quadras para levar Penna até a praça da Liberdade, onde ele aprendeu a andar. “Meu pai me ensinou a ler topografia. Nós íamos passear no meio do mato e ele dizia: ‘ali tem uma nascente’. E eu perguntava: ‘como você sabe?’. E ele instrua: ‘Olha lá o talvegue. Tem uma mata nativa e ali no meio tem um curso d’água’. Nós andávamos no meio do mato, subíamos e descíamos, e lá estava o riacho. Eu achava que ele era mágico”, conta. O arquiteto lembra também que o pai lhe treinou a lidar com o chão, a não ter medo de escorregar. “Tem gente que gosta de terra arrasada. Eu prefiro deixar a topografia como ela é. Aquele espaço que existe entre o terreno natural e o plano, necessário para a vida do Homem, é que faz um prédio ser interessante”.

Brasília bateu à porta de Roberto Penna e ele integrou a primeira equipe que aportou no Planalto Central. “Minha permanência em Brasília começou quando tudo era deserto e solidão, quando somente a obra do Catetinho se iniciava, em local em que pela primeira vez pernoitei, em companhia dos meus amigos João Milton Prates, César Prates, Dilermando Reis, Emílio Rocha, Juca Chaves e Roberto Penna, que a realizaram”, escreveu Oscar Niemeyer em seu livro de memórias sobre a construção da nova capital. Festeiro, o pai de Penna piava passarinho, soltava fogos em festa de São João, andava de carrinho de rolimã e ensinou o filho a fazer e empinar pipa. “Era impossível uma criança não se



fascinar com ele”, lembra o filho. “‘Olha lá o jacul’, ele chamava a minha atenção para reconhecer um pássaro no meio da folhagem”. Do pai, o arquiteto carrega a ossatura larga, a maneira eloquente de gesticular e o vozeirão de barítono; da mãe ele tem a fisionomia, os olhos claros e o nariz. O arquiteto lembra que sua mãe lhe apresentou o mundo das artes. Ela fazia canto lírico, era soprano. O contrário do pai, Mirian é prática, sagaz e religiosa. Ela ficou nove vezes grávida, mas perdeu quatro filhos. Sobreviveram três meninas e dois meninos.

“Vamos até a casa de meu irmão?”, convidou Penna, após almoçar costelinha de porco e levantar da mesa com a noite caindo. Descalço, com bermuda e camiseta, ele atravessou o gramado andando na direção oposta à lagoa. Sem sair do terreno ele chegou a outra extremidade da gleba de seis mil metros quadrados e entrou na casa do irmão. Sem divisas entre as casas, a distância é suficiente para que a movimentação de uma família não tire a privacidade da outra.

Raul Penna terminava de almoçar com cerca de 15 convidados. Após algumas horas de conversa, ele contou: “Eu e o Gustavo fizemos um pacto, quando ele tinha 11 anos e eu 10. Ele me disse: ‘tudo que você ganhar



na vida, metade é meu; tudo que eu ganhar, metade é seu’. Eu fiquei meio assustado, mas concordei. E até hoje é assim”. A parceria começou com a venda de gibis usados, Gustavo fazendo o papel de vendedor e o irmão, no caixa. Engenheiro, Raul administra uma série de negócios da família, que vão de hotéis a imóveis. Presidente do Conselho das Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil ele também ajuda o irmão a administrar o escritório de arquitetura (dois dos três filhos de Penna também trabalham com o pai: Laura, a mais velha, é arquiteta e coordena a produção; Diana, a caçula, cuida da comunicação e do marketing).

Há mais de 30 anos o escritório dos Penna ocupa a mesma sede, uma casa dos primeiros anos do século 20, localizada no centro de Belo Horizonte. Com a fachada principal no alinhamento, a construção tem porão e um andar elevado. Ela se caracteriza pelo jardim lateral para onde abre-se a varanda, apoiada em delgadas colunas de ferro. É um típico exemplar de “boa tradição”, construída pelo velho “portuga”, tal como descreveu Lucio Costa no clássico “Documentação necessária”, de 1938: “a fachada da rua – como um nariz postiço – ainda mantém certa aparência carrancuda; mas, do lado do jardim, que liberdade de tratamento e como são acolhedoras; e tão modernas – puro Le Corbusier”. O imóvel pertence a família há quase um

A casa onde Penna trabalha, no centro de Belo Horizonte. O imóvel com varanda e delgadas colunas de ferro pertence à família de Penna há um século

The house in the center of Belo Horizonte where Penna works. The house, with a veranda that has thick iron columns, has belonged to Penna's Family for a century

Gustavo Penna • 17



século: ali morava os bisavós maternos dos Penna. “Toda casa velha tem fantasmas e essa não foge a regra. A vantagem é que aqui são todos amigos. Eu sou sério candidato a ser um dos próximos”, brincou Penna, enquanto checava um novo e-mail na tela do computador da sala em que trabalha. Seu espaço é um dos menores ambientes da casa. Localizado no porão, permite apenas abrigar uma mesa e três cadeiras. Era o antigo quarto

uma escada lateral desenhada por Penna. Construída com aço e vidro fora dos limites ancestrais, ela é uma peça original como tantas outras saídas de sua prancheta – ele é obcecado por escadas. Algumas são duplas, com um lance em frente do outro, como as da Academia Mineira de Letras ou as da Casa Manacás. Contudo, a mais interessante ainda está no papel. Trata-se da escada criada para o apartamento do jornalista Zuenir Ventura, no Rio de Janeiro. São duas peças, de formas idênticas, que não se encostam – “uma, presa no chão, é terrena – concreta, objetiva e tangível; a outra, presa ao teto, flutua, é o irreal. Entre as duas peças, fica o vazio”, filosofa.

A sexta ensolarada terminou com chuva que fez a energia elétrica cair por algumas horas. Depois de permanecer por horas conversando com o irmão a luz de velas, Penna voltou para casa no início da madrugada.

Na manhã seguinte, antes de levantar da cama, Penna chamou o neto mais velho. A brincadeira na cama faz parte da rotina de fim-de-semana entre o avô e o neto de quatro anos. O sinal do início do entretenimento é estabelecido com o assovio do avô (as filhas e a secretária também estão acostumadas ao chamado). Ele desceu para tomar café da manhã e, antes do almoço, cumprimentou sua mãe que chegava de Belo Horizonte. Aos 93 anos, ela avisou: “vim só dar um beijo. Hoje vou almoçar no Raul, mas, amanhã eu almoço aqui com você”. Ao sair, entregou ao filho uma reportagem publicada no jornal do dia, com uma página dedicada a Raffaello Berti, um dos principais arquitetos que atuou em Belo Horizonte na primeira metade do século 20. Berti criou, entre outras coisas, as sedes da Prefeitura e do Minas Tênis Clube. É dele também o projeto da casa que Penna nasceu. “Eu, se fosse você, guardava esse jornal”, a mãe recomendou ao filho.

Penna tinha sete anos quando o pai deixou a casa da Savassi e foi para Brasília. Ele voltou poucas vezes, “foi sumindo”. De vez em quando aparecia, fazia uma fritada, enchia a casa de amigos e desaparecia novamente. O casamento degringolou. Com a separação, a casa foi vendida. “Lembro-me de eu, com 13 anos, e o Raul ajudando na mudança em um caminhãozinho aberto. Ficamos segurando um armário. Para mim,

era o fim do mundo: eu tinha perdido a casa, os amigos e o meu pai – a mudança era uma evidência que ele não voltaria. Morri de vergonha”. A família mudou-se para uma casa simples, em frente ao canal, perto do Mercado Municipal. O padrão caiu e eles viviam da renda de alguns imóveis da família materna. Penna passou a frequentar novas rodas, a dos carregadores do mercado. Ficava piando passarinhos com eles. Ele repetiu o ano, mudou de escola e tomou bomba novamente. “Foi o fundo do poço”, recorda. Até que, ao entrar no ensino médio, ele pediu para o avô materno pagar uma das escolas mais difíceis da cidade – o colégio Santo Antônio. No primeiro ano, ficou de segunda época de matemática, mas passou; no segundo, também conseguiu seguir adiante, sem louvor; no terceiro, ele diz ter sido o melhor aluno de matemática da turma. Passou a gostar tanto de física e matemática que cogitou prestar vestibular para estas disciplinas. Contudo, ele já havia visitado Brasília e também tinha percebido o encanto do desenho. “Eu comecei a ver que desenhava alguma coisa. Passei nos vestibular de engenharia e em sétimo lugar na arquitetura”. Até hoje, o fascínio pela matemática é perceptível nas formas geométricas e em no seu raciocínio do dia-a-dia projetual.

No final da manhã de sábado chegou a Lagoa Santa um casal de amigos da família, convidados para o almoço. “Gustavo, saiu hoje no jornal uma notícia dizendo que usaram isopor na reconstrução das casas de São Luís do Paraitinga. Apareceu uma foto e o isopor já está desmanchando. Você acha que está certo?”, perguntou o amigo, engenheiro calculista. Após discorrer sobre o assunto, Penna lembrou que seu primeiro trabalho foi como estagiário no patrimônio histórico. Ele participou do levantamento de fazendas e foi até o Rio de Janeiro pegar documentos com o Lucio Costa. “Eu me achava muito importante como se fosse ‘dono’ daqueles papéis. Deliberadamente, na volta a Belo Horizonte eu descontra do meu chefe para não entregá-los”, ele abre uma gargalhada ao contar a pirraça.

Muitos dos projetos de Penna possuem uma relação com a história. Um dos mais interessantes é o anexo da Associação Mineira de Letras, a poucos quarteirões de seu escritório. Seu projeto criou um diálogo com

a sede da instituição, um casarão eclético do início do século 20. Trata-se de uma das mais impactantes obras contextualistas criadas no Brasil, onde ele busca um equilíbrio geométrico entre a nova obra e a antiga. O anexo também guarda parentesco com o trabalho do português Álvaro Siza, sobretudo em relação a agência bancária em Oliveira de Azeiteis, criada em 1971. “Conheci o Siza quando fui a Portugal em 1984”, ele lembra. “Por



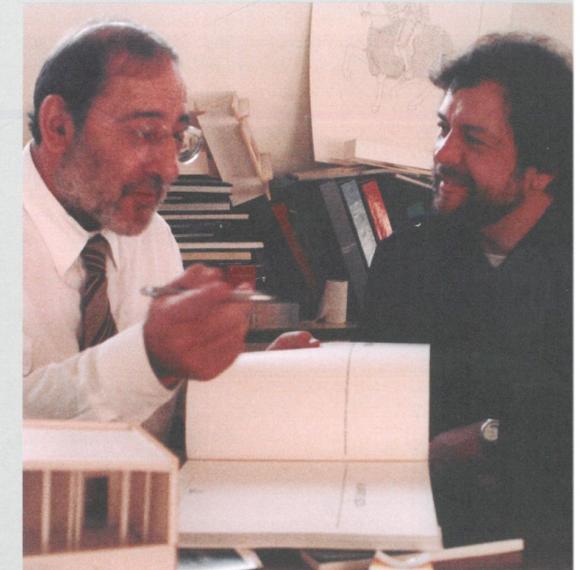
Fotos: Arquiro Gustavo Penna

Em Nova York, Richard Meier e Gustavo Penna dividem o papel-manteiga

In New York, Richard Meier and Gustavo Penna divide the drawing paper

da “vovó Maricota”, a madrasta do avô deles. Atrás de sua cadeira fica a janela aberta para o pátio do fundo. Se no passado tinha um pomar e até galinheiro, hoje o espaço é uma área de lazer. Ao lado do espaço do arquiteto ficam as salas de reunião. O porão abriga ainda a recepção, a sala de espera e a copa. No andar de cima trabalham os arquitetos, uma equipe de 30 profissionais, de cinco nacionalidades. O escritório de Penna é parceiro do norte-americano Richard Meier em projetos no Brasil. “Ele é um cara incrível e foi com a minha cara”, conta o brasileiro.

Além da escada externa original junto ao jardim, os dois pisos são interligados por



Penna visita o escritório de Álvaro Siza, no Porto

Penna visits the firm of Álvaro Siza, in Port

aqui, o trabalho dele começou a repercutir por volta de 1980, mas veja: a Rede Bandeirantes é anterior a isso”, pondera. Categórico, Penna afirma: “Eu nunca fui pós-moderno. Nunca. A não ser na casa da Lagoa Santa que o pós-moderno entrou pois era mais barato”.

Penna se formou na UFMG em 1973 e não trabalhou em nenhum escritório de arquitetura. Hoje, não vê vantagem em ser autodidata, pois considera que teria sido mais fácil e ele acredita que teria evitado muitos erros. Mas justifica dizendo-se ansioso em querer ver suas obras construídas. Com seis anos de formado, foi publicado um pouquinho das primeiras obras dele no número



inicial da revista *Pampulha*. É curioso perceber o tatear da juventude do arquiteto. Nestas sete obras, há desde uma casa convencional com telhados até outra em forma de pirâmide - o desenho mais original, quase pop. Em alguns destes projetos, principalmente os de maior escala, Penna parece flertar com os metabolistas japoneses. Contudo, o texto manuscrito registrado na revista já revela a retórica de sempre: "Meu trabalho sempre foi em busca do significado do gesto arquitetônico. A favor de uma arquitetura de surpresas, intuitiva, mas, realista, e que leve em conta nossos traços culturais. Sempre com uma contribuição pessoal. Tudo com um convite a imaginação. Muito simples, muito amigo, muito íntimo".

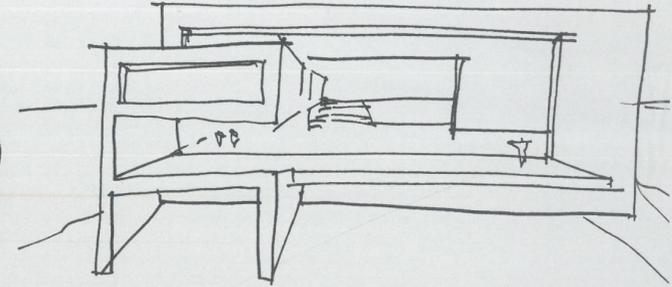
Se os anos 1970 Penna ainda estava sentindo o cheiro das coisas, sem ter uma linha arquitetônica definida, a década seguinte definiu sua trajetória profissional. Primeiro, aos 27 anos, ele começou a lecionar na UFMG o que, além de lapidar seu pensamento, o aproximou de Humberto Serpa, um dos arquitetos que mais influenciaram sua obra. Eles deram aulas de projeto juntos, por mais de meia década. "Eu faço questão de citá-lo sempre", lembra. "Daquele tempo me lembro vivamente como ele transmitia a seus alunos, de forma generosa, ensinamentos cheios de poesia, entusiasmo e humanidade", escreveu Serpa a respeito do convívio com Penna.

Se o projeto mais conhecido de Serpa é o edifício-sede do Banco do Desenvolvimento

de Minas Gerais (BDMG), a casa van Damme, no Belvedere, é a que Penna destaca. Desenhada em 1984, a casa é caracterizada por uma curvatura de um quarto de círculo que abraça a área de lazer. "Como bom mineiro, sempre desconfie de modas e tendências, preferindo o que 'dura' e 'fala baixo'- daí essa paixão pelo fundamental e pela compreensão do lugar e de seu caráter", escreveu Serpa. Essa curvatura - "ou abraço"- como prefere Penna, apareceu em inúmeros projetos do discípulo, tais como no concurso para a sede do Centro de Tecnologia da Construção Metálica (CTCM), na USP, ou no espaço popular de Contagem, onde um simples pórtico curvo deu significado a um barranco, um espaço de convívio que chegou a juntar 35 mil pessoas.

A experiência de Contagem, cidade vizinha a Belo Horizonte, foi o segundo momento fundamental dos anos de 1980 para a trajetória de Penna: entre 1983 e 1984, ele assumiu a Secretaria de Planejamento do Município. Além do traquejo político, o período foi essencial para o arquiteto pois ele conheceu Amilcar de Castro. Eles se aproximaram quando Penna tentou viabilizar a escola de Artes e Ofícios de Contagem (outro edifício em semicírculo), que seria coordenada pelo artista plástico. "O Marcos Benjamin criou a estética da periferia; o Amilcar quis montar a escola na periferia", lembra Penna.

A ideia não foi adiante mais novo amigo foi fundamental para a obra de Penna. "Foi minha libertação", avalia. O arquiteto acre-



ditada que aprendeu muito com ele, não só em relação a arte, mas também sobre postura de vida. Eles foram tão próximos, que o artista plástico desenhou a logomarca do escritório do arquiteto que, por sua vez, desenhou a casa-ateliê do artista plástico (que ficou no papel). Na entrada do escritório de Penna, está enquadrado em local de destaque um texto manuscrito de Amilcar em louvação ao amigo. No final se deu poema-homenagem, ele pergunta: "o voo do pássaro/ faz um desenho no espaço/ Será arquitetura?".

Por indicação do artista plástico, Penna desenhou a escola Guignard, um de seus trabalhos mais significativos e que o levou a ser reconhecido nacionalmente e uma das obras mais importantes da década. Antes de começar uma palestra na escola no início de novembro passado, Penna lembrou-me: "é uma escola de aço em cima da montanha de aço". Trata-se do encontro hipotético, tramado pela sensibilidade do arquiteto, entre Serpa e Amilcar: se a curvatura do gesto do primeiro ainda está presente, a força da implantação e o trato do aço lembram o segundo. "Ele me ajudou muito", lembra Penna em relação ao seu guru das artes plásticas.

Durante o almoço de sábado em Lagoa Santa, Laura Penna contou que na época do vestibular ficou indecisa se faria ou não arquitetura. Para ter certeza, o pai sugeriu a filha que fizesse aulas de desenho. Quando perguntou para Amilcar quem poderia dar aulas para a Laura, o amigo respondeu que ele mesmo ensinaria. "Eu era uma menina,

tive aula durante seis meses com ele, mas acho que não aproveitei muita coisa. Minha cabeça estava confusa: seguir ou não a profissão do meu pai? Me lembro que no final, o Gustavo comprou uma caixa de vinho como agradecimento e eu fui levar. O Amilcar morava no último andar de um prédio sem elevador e eu carreguei aquelas garrafas até lá em cima. Toquei a campainha esbaforida e quando ele abriu a porta, depois de um silêncio, disse: tudo isso é muito pesado para você, não?". Para Penna, o amigo foi um grande professor de vida, que dizia as coisas que são fundamentais. Ao mesmo tempo, o arquiteto lembra que o artista lhe ensinou que o importante é ter um espírito aéreo, ser permeável. "Para que você seja capaz de reportar uma vivência, é necessário que você a viva". Em seguida, Penna declamou, com acento português:

*O luar através dos altos ramos
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.
Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.*

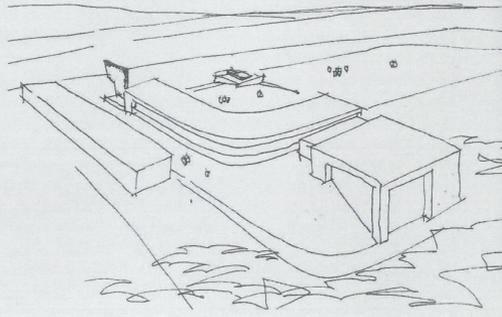
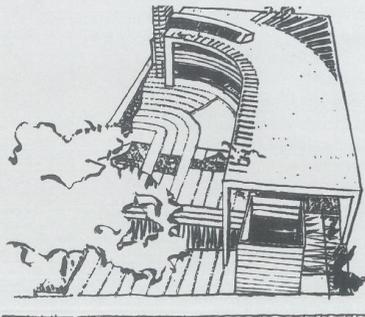
Terminou e disse: "isso é Fernando Pessoa, Alberto Caieiro. Ou seja, você precisa ver o por do sol das ilhas gregas para saber como é o pôr do sol das ilhas gregas. A minha vida

Logomarca do escritório de Penna, feita por Amilcar de Castro. Casa-ateliê de Amilcar de Castro, não executada

Logo of Penna's office, created by Amilcar de Castro. House-studio of Amilcar de Castro, it has yet to be built

Desenho da casa Van Damme, de Humberto Serpa. Croqui de Penna para o concurso da CTC, na USP, com a curvatura característica de Serpa

Drawing of the van Damme house, by Humberto Serpa. Penna's sketch for CTC's competition, at USP, with Serpa's characteristic curvature





não é aquela que eu consegui fazer por causa do acidente em Buenos Aires; mas é aquela que graças ao acidente em Buenos Aires eu consegui fazer”.

Em julho de 1986, a família Penna foi de Belo Horizonte para Buenos Aires. “Não tínhamos dinheiro para irmos a Camberra, onde meu filho fazia intercâmbio. Então meu filho foi até Buenos Aires para nos encontrar”, justificou. Penna, a mulher e as filhas chegaram um dia antes e combinaram de buscar o filho no aeroporto. Antes, almoçaram na região da calle Florida e pegaram um taxi na avenida Corrientes em direção ao aeroporto. O motorista pegou o elevado e, distraído, não viu um carro parado, com o triângulo sinalizando emergência. O impacto foi de frente. Diana e Laura nada sofreram. Penna estava sentado no banco da frente e, mesmo com cinto, teve a cabeça do fêmur esmagada. “Eu vi o mundo branco e rosa, cor de salmão. Pisei e a perna falhou. A Tina bateu a cabeça e também foi para o hospital”, contou, lembrando da mulher. Ele voltou para o Brasil na mesma semana deitado em uma maca no avião. Em Belo Horizonte, foi operado pelo irmão de Amilcar, que colocou dois pinos. Ficou 15 dias de molho e, com muletas, voltou a ativa para apresentar o projeto da Expominas para o governador. “O acidente mudou completamente o meu jeito de ser. Fiquei 15 anos mancando, uma dor diária, companheira. Mas não deixei de fazer nada. Isso foi limitador, não impeditivo”. Na metade de 2011, o avanço da medicina levou-o novamente a mesa de operação: a cabeça do fêmur foi serrada e em seu lugar foi colocado uma peça de cerâmica encaixada com pino de titânio. “Mudei o prumo”, ele contou-me na época. “Não me nego a pensar no assunto mas é uma coisa que praticamente eu esqueci. É como a metáfora da ponte: o homem a inventou para ultrapassar um obstáculo de forma franca, sem destruí-lo nem fingir que ele não existe”.

Durante o período em que deu expediente em Contagem, Penna não largou o ofício de arquiteto: voltava todas as noites para Belo Horizonte, e acompanhava o trabalho do sócio de então, o arquiteto Flávio

Carsalade. Quando eles ganharam o primeiro concurso que deu notoriedade a equipe, Penna tinha 33 anos e Carsalade, 25. Refiro-me a sede do Sindicato dos Jornalistas, um prédio de 15 andares que seria construído ao lado do escritório deles. “No local escolhido para a construção estava plantada um das casas antigas de BH, que seria grato preservar do esquecimento. Engenhosos, Penna e sua equipe inseriram no conjunto o arco de entrada da velha construção. Criaram assim um elo visível entre o tempo passado e o tempo presente”, escreveu Carlos Drummond de Andrade no *Jornal do Brasil*. “O excelente trabalho dá a gente a alegria de sentir que nem tudo está perdido em Belo Horizonte. Os moços apontam o caminho”, concluiu. O time vencedor era composto ainda por Ângela Roldão e Luiz Antônio Queiroz. Eles venceram outras 20 equipes, entre as quais, as lideradas por Joel Campolina e Éolo Maia junto com o Sylvio de Podestá, que estavam a frente de um movimento arquitetônico que começou a fervilhar nesta época, batizado de pós-moderno mineiro. “O Cid Horta inaugurou o atrevimento. É lamentável a falta de uma avaliação do trabalho dele. Ele fazia loja engraçadas, teve peito para debochar da arquitetura. O Éolo é beneficiário direto deste trabalho e, claro, era mais corajoso”, conta. Dez anos mais novo que Horta e distante outros sete em relação a Éolo, Penna diz que procurou conhecê-los. “Fiz de tudo. O Éolo tinha feito umas casas, ao sabor do Artigas. O Veveco [Álvaro Hardy] eu conhecia pois ele tinha estudado com minhas irmãs. A *Pampulha* abriu caminho, eu comeci a ficar conhecido depois que a revista publicou meus trabalhos. Se não fosse ela, talvez eu não tivesse aparecido tão cedo pois não tinha a mesma ira santa do Éolo”. Nos anos seguintes, a boemia e a arquitetura aproximou Veveco e Éolo de Penna, que transparece a falta dos amigos.

Apesar de dispensar explicitamente a proximidade de sua obra com o pós-modernismo atrevido dos colegas mineiros, Penna chegou a flertar com o movimento em projetos como a academia de ginástica Shaping, marcada por um arco tridimensional na fachada. De alguma forma, o prédio parece uma versão em pé do Fujimi Country Club, criada por Arata Isozaki em 1974. Ou ainda nos estúdios da Rede Globo, em Belo Horizonte, onde ele usou peças pré-moldadas para se aproximar do figurativo artesanal

da obra de Louis Kahn, sobretudo o Museu Kimbell, no Texas.

“Isso foi um protótipo que realizei para o governo Collor. Era um projeto encomendado pela Rosane”, Penna conta mostrando uma estrutura com planta quadrada e quatro águas, que fica entre a casa dele e a de Raul. “Era uma estrutura pré-moldada, com esse respiro na cobertura, que poderia ser usado de várias formas: uma casa, um centro comunitário etc.”. Em Lagoa Santa ela é usada como um folie no jardim e é claro a linhagem costurada de outra obra de Louis Kahn - o Centro Comunitário Jewish, de 1954.

Mas a Globo e o projeto para o governo federal não foram os únicos em que o arquiteto utilizou componentes industrializados. Antes, ele já havia criado o Núcleo de Ensino e Extensão Comunitária (Neeec), um protótipo de escolas públicas para o governo que seria a versão mineira dos Cieps, de Niemeyer e Darcy Ribeiro. Ao invés do concreto, Penna usou o aço para criar uma grande cobertura. Das 500 unidades previstos, somente 25 foram realizadas. Apesar de serem apelidadas de “forninho de assar crianças”, um dos principais aspectos do projeto era justamente o conforto ambiental: o autor se interessa pelo assunto desde 1986 quando organizou um simpósio de arquitetura e energia na UFMG. No Neeec, a ventilação cruzada (que ajuda a manter fresco os espaços através da passagem dos ventos em posição correta) é auxiliada pela cobertura que possui saídas para o efeito chaminé. Por outro lado, são frequentes os projetos de Penna que tiram partido do “efeito Venturi”, técnica retirar ar quente ou aumentar a corrente natural de ar, através da diferença de pressão. Esta ideia faz parte do DNA das chaminés do Expominas e do ABM ou também tem relação com os corredores em dos edifícios estudantis da Unifei.

Outro aspecto interessante da Neeec eram os estudos cromáticos, realizados com a participação de Amilcar de Castro. Neste sentido, chama a atenção a fachada principal: o contraventamento da estrutura metálica era amparado em uma empena, resultando no triângulo característico da bandeira mineira. Ou seja, na mão de Penna, um elemento técnico virou simbólico. Este elemento é chave para a compreensão da obra dele: as

razões do simbolismo buscam ter uma justificativa técnicas e isso o afasta do atrevimento mineiro. Penna não é inocente ao trabalhar o poder de comunicação dos edifícios: em quase todas as obras ele se esmera em criar símbolos. Até mesmo nas residências, onde elabora as fachadas principais com formas incomuns e um apelo quase hipnótico - como nas casas Borges, na da Serra do Curral, na de Tiradentes, na Lincoln ou mesmo em sua casa da Lagoa Santa, que tem uma torre para captar o vento.

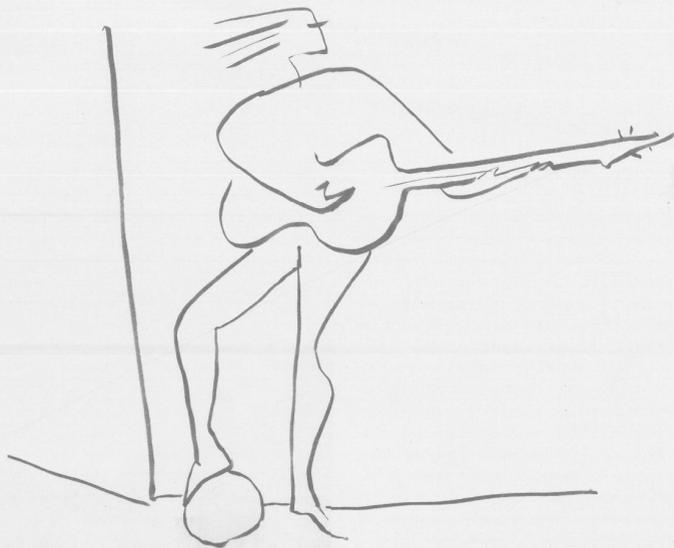
A boemia e a arquitetura aproximaram Gustavo Penna de Veveco e Éolo Maia - os “gambás”

The bohemian life and architecture brought Gustavo Penna, Veveco and Éolo Maia closer - the “skunks”



Foto: Arquivo Gustavo Penna

Gustavo Penna • 23



“Você reconhece quem está cantando?”, perguntou Penna depois de colocar uma música francesa para tocar em Lagoa Santa. Durante o feriado ele já havia feito isso e ninguém identificou Paul McCartney cantando as canções que escutava quando criança. Na segunda vez, a voz era do próprio arquiteto cantando “Non, je ne regrette rien”. Ele integrou corais e fez serenatas durante a juventude. De certa forma, ele frequentou durante o ambiente musical de Belo Horizonte. Durante todo o feriado, Penna ficou namorando o livro que o compositor Tavinho Moura lançou naquela semana com fotos de 150 tipos de pássaros da região da Pampulha. “O livro é uma maravilha Tavinho. Eu queria estar aí pertinho de você para lhe dar um beijo na boca! Na boca não, no bico!”, ele disse ao autor pelo telefone. Em agosto passado, Penna criou cenários com luz para o espetáculo “Sementes – a bandeira do porvir”, com direção de Márcio Borges e Cláudia Brandão e participação do Boca Livre, Renato Braz e Cláudio Nucci, entre outros. Ele ficou empolgadíssimo com os efeitos que os seus croquis renderam através de projeção de luz.

O escritório dele foi palco de lendárias festas, onde tocaram, entre outros, o próprio Moura, Toninho Horta, o grupo Uakti e Jurez Moreira, entre outros. Ali foi comemorado, por exemplo, os 70 anos de Amílcar de Castro e os 50 anos do Veveco. “Através daquele espaço que eu participei da vida cultural da cidade”, ele lembra, citando ainda a presença de outros artistas plásticos como Benjamin e Fernando Luchesi, cujas obras recheiam as paredes dos locais em que vive e trabalha.

“Olha essas andorinhas! Você sabe por que elas não batem na parede?”, Penna perguntou ao neto no domingo de manhã. Ele estava sentado na mesa da varanda lendo o jornal, depois de tomar o café. Sua mãe chegou de Belo Horizonte para o almoço, que contou também com a presença de outros amigos e familiares. Todos comentavam a capa da *Veja BH*, com um projeto de Penna.

“Não sou de briga, nunca ataquei ninguém”, comentou a cerca das polêmicas que envolvem seu nome. “Sou agregador, não gosto de confusão. Eu nunca soube o que

era hostilidade, só tinha amigos. Agora, que ganhei certa visibilidade, tudo mudou. Existe uma mania de demonizar os outros, uma espécie de mobilização do mal, coisa perversa”, comentou. Atualmente, ele possui o escritório de maior prestígio do estado e isso gera uma série de projetos de grande escala e o consequente ciúmes de colegas. Penna, por exemplo, foi convocado para desenvolver a adaptação do Mineirão para a Copa do Mundo. O convite inicial partiu de Ernest Young, que a pedido do governo do estado fez a modelagem financeira do estádio para a candidatura a ser uma das sedes do evento esportivo. Em uma segunda etapa, depois da vitória, o governo contratou Penna. “Foram dois anos de trabalho, mais de mil pranchas de desenho. Aprovamos o projeto em todas as instâncias: na Fifa, na prefeitura, no patrimônio. Mas o projeto não é meu: é do Gasper Garreto e do Eduardo Mendes Guimarães. Fizemos uma adaptação. Tenho uma carta do Garreto, que me autorizou por escritor a modificar o projeto”, ressalta. “Nosso projeto solucionou o problema da infraestrutura com a plataforma topográfica ao redor do estádio”, explica. Contudo, a empresa que assumiu a Parceria Público Privada contratou outro escritório para detalhar o projeto. Um mês após o feriado em Lagoa Santa, a Justiça Federal solicitou o bloqueio dos bens do escritório de Penna por denúncias de irregularidades na contratação do projeto inicial do Mineirão. “Nunca tive nenhum processo trabalhista na vida. Tenho todos os documentos em ordem”, comentou.

Antes do almoço em Lagoa Santa, Penna chamou o neto para passear no terreno vizinho, que ele e Raul compraram. “Vô, tem um passarinho cantando e não é você”, comentou o neto. “Olha só vô: parece um João-de-Barro!”, disse o menino de quatro anos. “Você está esperto: é um João-de-Barro mesmo!”, respondeu o avô orgulhoso. Mais a diante, viram um pássaro grande, pulando nos galhos de um abacateiro. Penna identificou o casa de alma-de-gato, apontando para a ave de rabo longo.

Anunciando o fim do feriado, uma chuva torrencial caiu em Lagoa Santa. Próximo a escultura de Amílcar de Castro do jardim, Penna observou por alguns minutos a agonia de dois pescadores no meio da lagoa que tentavam escapar da tempestade. Sua mãe

despediu-se e voltou mais cedo para Belo Horizonte. Ele contou que a mãe não casou novamente e conseguiu “criar a família em paz. Ela tinha uma espécie de distanciamento crítico e nunca falou mal de meu pai”. A ausência paterna levou o arquiteto ao diva. “Com 26 anos eu tive um piripaque. Eu estava em Ubatuba, quando a Laura nasceu, e eu desmaiei. Aquilo mostrou-me minha fragilidade. Achei que ia morrer, que ia ficar louco. Até então, não sabia o que era angústia. Depois tive uma síndrome do pânico. Era machão e morria de vergonha de fazer análise”. O pai de Penna teve mais cinco filhos e morreu em 1974. “No fim da vida, ele ficou frágil e eu virei o pai dele. Dois anos antes de morrer, nasceu o último filho dele e ele me chamou para batizar o menino. Ou seja, sou quase padrinho de mim mesmo, pai de mim mesmo. É uma mandala freudiana”. Penna afirma que a questão com o pai esta resolvida. “Eu não sei se ele foi bom ou ruim. Eu só sei que ele foi real”, disse. “Eu sou pena, que é associada a dó, compaixão, eu poderia estar sofrendo. Mas, não: eu prefiro usar a minha pena para voar”. ■

Croquis para o cenários do espetáculo Sementes – A Bandeira do Porvir”, posteriormente projetados em cor

Sketch of the sets for the musical “Semente – a bandeira do porvir”, before being projected in color



Gustavo Penna • 25